

II SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UNILAB

“Práticas Locais, Saberes Globais”

I ENCONTRO DE PRÁTICAS DOCENTES E DISCENTES

II ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

II ENCONTRO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

III ENCONTRO DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA

IV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

I ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

**DO ARRAIAL PORTUGUÊS A LISBOA, A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS
REPRESENTADOS EM HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA**

Rafael Martins Nogueira¹, Izabel Cristina dos Santos Texeira²

¹Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: willameraphael@hotmail.com, ²Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: izabel.cristina@unilab.edu.br.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a obra de José Saramago, “História do Cerco de Lisboa” (1989), em contextos históricos distintos, Idade Média e Século XX, a organização dos espaços representados pela estória.

PALAVRA-CHAVE: Contextos, Construção, Organização de espaços.

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho visa analisar os espaços representados na obra “História do Cerco de Lisboa” em dois tempos apresentados, Idade Média e o Século XX; o primeiro, descrito por Raimundo Silva, um revisor, que contesta a versão oficial do cerco de Lisboa, que teria se realizado pelos cristãos, na retomada dos árabes. O interesse na obra reside na percepção das transformações que ocorreram nestes espaços, conforme a distância destes, do século XII ao século XX.

MATERIAL E MÉTODOS

Por meio de leituras de autores como Bachelard (1989), Guattari (1990), Yu Fu Tuan (1980, 1983), Walter Benjamim (2000) e a obra analisada “História do Cerco de Lisboa”

(1989), de José Saramago, buscam-se discussões pautadas nestes autores e suas ideias de espaços em contextos históricos e outras discussões levantadas na obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura crítica da obra “História do Cerco de Lisboa” (SARAMAGO, 1989) e da representação dos lugares, ações e personagens em Contextos Históricos diferentes, foi percebido que cada um dos autores utilizados nesta pesquisa corrobora para uma compreensão em relação aos estudos de representações de espaços na Literatura. Em relação à Idade Média, têm-se Mogueime e Ouroana, cercados por uma guerra (santa) que se lhes impõe. Ouroana, concubina de um oficial, roubada dos pais, é uma sobrevivente, no meio do pavor, das lutas e das guerras. Matar ou morrer é o lema no lugar onde as pessoas vivem e morrem por ideais. Trata-se de ambiente de luta, de violência, de miséria e medo, mas, também, de persuasão, em conformidade com os valores religiosos de então. Mogueime, guerreiro, por razão desconhecida, liga-se a Ouroana afetivamente, do que resulta a ida de ambos para outras paragens, em fuga do ambiente de guerra. Analisando tal situação, é possível recorrer a Yu Fu Tuan (2012, 161) para quem o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia (relação de afetividade pelo lugar), mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais”. Sendo o ambiente a não causa direta da topofilia, neste caso, por não afinidade nenhuma neste ambiente para Mogueime e Ouroana, o ambiente, pelo contrário, fornece ideal para Mogueime e Ouroana irem embora, pois, não havia nenhum sentimento de segurança, tranquilidade e paz. Não havia nenhuma afinidade com o espaço em que estavam e a única saída era deixar aquela situação para trás.

Já no século XX, Raimundo Silva se vê em um ambiente com estímulos sensoriais, que o leva a meditar sobre a História do Cerco, Medieval, a ponto de negar os fatos registrados em “livros oficiais”.

Os lugares os quais Raimundo habita fisicamente são a casa e a editora, cujo fluxo de idas e vindas refletem-se em sua vida. Desta forma, de acordo com Bachelard (1974, p.200) todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa e como a imaginação trabalha nesse sentido quando o ser encontra o menor abrigo: vê-se assim a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção ou, inversamente, tremer atrás de um grande muro, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. Bachelard mostra que os valores da intimidade do espaço – “a casa é nosso canto no mundo”

(BACHELARD, 1974, p. 358) e isto é visto por Raimundo e sua relação com a sua casa. Corroborando com a ideia de Bachelard, Guattari afirma que “pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa [...]: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (GUATTARI, 1974, p. 359). Nesse caso, em relação a sua solidão, antes, Raimundo Silva vivia num muro psicológico, a solidão. Guattari (1999) lembra essas mudanças nas relações sociais que ao mesmo tempo o social do ser humano vem decaindo, as redes de parentesco estão se reduzindo a cada dia. Ou por suas próprias palavras: “As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente ‘ossificada’ por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão” (GUATTARI, 1990: 7-8). Porém, Raimundo encontra uma mulher, Maria Sara que influencia sua vida e interfere no espaço onde eles se encontram. Mudando sua relação solitária e seu modo de se relacionar com o espaço onde vive, enquanto escreve sua versão do Cerco de Lisboa. É graças à Maria Sara que ele tem a oportunidade de contar uma versão do Cerco com um NÃO sobre a ajuda dos cruzados na conquista por Lisboa, o que proporciona uma discussão a respeito da oficialidade de textos históricos e sua veracidade. Neste sentido, WHITE (2001), em seu livro “Trópicos do Discurso”, traz `a tona a questão da validade de um texto histórico e a meta-história. Ou seja, para ele a meta-história tende a se voltar para questões como: Qual é a estrutura de uma consciência peculiarmente *histórica*? Qual é o *status* epistemológico das *explicações* históricas, quando comparadas a outros tipos de explicações que poderiam ser oferecidos para esclarecer a matéria de que se ocupam comumente os historiadores? Quais são as *formas* possíveis de representação histórica e quais as suas bases? Que autoridade podem os relatos históricos reivindicar como contribuições a um conhecimento seguro da realidade em geral e às ciências humanas em particular?. (WHITE, 2001: 98).

SARAMAGO (1989), por meio de Raimundo Silva, abre um leque de discussões sobre a História oficial e sua validação, graças ao NÃO onde deveria haver um SIM na conquista de Lisboa. Também fazendo uma investigação nos limites interpretação da história, Benjamin (2000) aborda em suas “Teses sobre o Conceito da História” questões sobre sua escrita – quem escreve a história, o vencedor ou o perdedor e de como é construído o discurso de Vitória dos dominadores.

CONCLUSÕES

Foi percebido que o espaço e sua representação, em aspectos, tais como, personagens, ações e lugares, fomentam discussões pertinentes. Cada personagem com suas ações influenciam os lugares onde estão inseridos e, desta forma, rendem uma construção de enredo ambiental, alinhada entre Personagens > Ações > Lugares. Compreendemos que existe uma ação contínua que interfere na construção dos espaços.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD**, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BENJAMIN**, Walter. Tese sobre o Conceito da História. In: *Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: ed. Brasiliense, 2000.
- COSTA**, Ricardo. *A mentalidade de cruzada em Portugal (sécs. XII-XIV)*. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com>. Acesso em 04 abr. 2015.
- GUATTARI P. F.** *As Três Ecologias*, 20ª ed., Tradução: BITTERN COURT M. C. F., Campinas, SP, Papyrus, 1990.
- SARAMAGO**, José. *História do Cerco de Lisboa*. 2ª edição, Editora Caminho, Lisboa, 1989.
- TUAN**, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN**, Yi-fu. *Topofilia, um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.